
Ethnoknowledge and Education of Youth, Adults, and Elderly in Rural Amazon: An analysis of recent academic debates (2019-2023)

Etnoconhecimento e Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Amazônia Rural: Análise dos debates acadêmicos recentes (2019-2023)

Received: 21-07-2024 | Accepted: 25-08-2024 | Published: 31-08-2024

Tiago José da Silva Tabayara

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5803-8562>

Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Brasil

E-mail: tiago.tabayara@gmail.com

Marcos César da Rocha Seruffo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8106-0560>

Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Brasil

E-mail: marcos.seruffo@gmail.com

Eula Regina Lima Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2665-8172>

Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal, Brasil

E-mail: eu10eula@gmail.com

ABSTRACT

The study analyzes the discussion over the past five years (2019-2023) regarding Youth, Adult, and Elderly Education (EJAI) in rural Amazon, with a focus on ethnoknowledge. Through a Systematic Literature Review, nine (9) productions were obtained, highlighting the importance of memory within EJAI and the value of ethnoknowledge in promoting a pedagogical practice that fosters student engagement and retention in EJAI. The study concludes with the urgent need to strengthen research on EJAI and ethnoknowledge focused on rural Amazon.

Keywords: Memory; Ethnoknowledge; Education of Youth, Adults, and Elderly; Amazon.

RESUMO

O estudo analisa a discussão dos últimos cinco anos (2019-2023) em relação à Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) na Amazônia rural, com foco no etnoconhecimento. Por meio da realização de uma Revisão Sistemática da Literatura, obteve-se 9 (nove) produções, que sinalizam a importância da memória no âmbito da EJAI, bem como da valorização do etnoconhecimento para fins da promoção de uma prática pedagógica que possibilite o engajamento e permanência dos alunos na EJAI. Conclui sobre a premente necessidade do fortalecimento das pesquisas sobre EJAI e etnoconhecimento focado na Amazônia rural.

Palavras-chave: Memória; Etnoconhecimento; Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Amazônia.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem se transformado ao longo das últimas décadas com o objetivo de garantir que o direito básico ao estudo, previsto na Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), seja assegurado a todos os cidadãos em todas as regiões do país. Não obstante, é importante destacar que, devido às dimensões continentais, o Brasil enfrenta diversas dificuldades para efetivar esses direitos, enfrentando desafios que vão desde questões geográficas até o acesso à escola em regiões como a Amazônia, que possui características únicas que a diferenciam de outras áreas. Além desses obstáculos, dirigir a atenção àqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na chamada "idade certa", como é o caso do público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), representa um esforço para movimentar a estrutura do Estado por meio de reflexões originadas na produção acadêmica.

Nesse sentido, temos uma modalidade de ensino que surgiu como alternativa para assegurar que indivíduos que não tiveram acesso à educação na idade apropriada (Brasil, 1996) possam retornar aos estudos por meio de práticas e pedagogias diferenciadas: a EJAI. Essa modalidade de ensino vem se (re)estruturando dia após dia para se manter viva e, por isso, tem explorado diversas abordagens para que isso seja possível, como o acesso às memórias e ao etnoconhecimento dos alunos, que atuam diretamente no processo educacional desse público (adultos e idosos). Isso é especialmente relevante, pois esses estudantes nutrem desejos pessoais, geralmente relacionados aos seus antepassados, ao decidirem retornar à escolarização.

Portanto, a EJA e, mais recentemente, a EJAI representa não apenas uma modalidade que compõe o sistema educacional brasileiro, mas também uma história de luta constituída por coletivos vinculados aos movimentos sociais, ao campo da educação e, mais especificamente, por grupos de intelectuais que se dedicam à produção de conhecimento sobre essa modalidade de ensino. Esses grupos, em conjunto com outros movimentos políticos originados desses coletivos, fomentaram as conquistas obtidas nas últimas décadas em relação à EJA e à EJAI. Assim, torna-se necessário um mergulho nas produções que abordam essa temática.

Assim, apresentamos neste artigo uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) como fundamento para investigar o que tem sido problematizado sobre essas temáticas no universo acadêmico. Com isso, buscamos realizar um mapeamento e levantamento, destacando, principalmente, a viabilidade de explorar áreas ainda não discutidas nas

produções acadêmicas. Dessa forma, podemos direcionar nosso olhar para novas discussões, contribuindo com novas possibilidades de abordagem e aprofundamento dessas temáticas no meio acadêmico.

Para Brizola e Fantin (2016), a elaboração de uma RSL deve ser feita a partir da formulação de um problema de pesquisa que se torna relevante quando o pesquisador, "após uma análise crítica do estágio atual da produção científica sobre sua temática, consegue identificar lacunas, consensos e controvérsias sobre o tema e inserir o seu objeto de pesquisa em um caminho ainda não percorrido por outros pesquisadores" (Brizola; Fantin, 2016, p. 22). Dessa forma, como método de busca e refinamento dos trabalhos encontrados, utilizaremos o seguinte problema científico: quais debates estão presentes nas produções dos últimos cinco anos (2019-2023) em relação à EJAI na Amazônia rural, com foco no etnoconhecimento?

MATERIAL E MÉTODOS

De acordo com Sampaio e Mancini (2007), uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza a literatura sobre determinado tema como fonte de dados. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre uma determinada terapêutica ou intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes. Além disso, ajudam a identificar temas que necessitam de mais evidências, orientando investigações futuras.

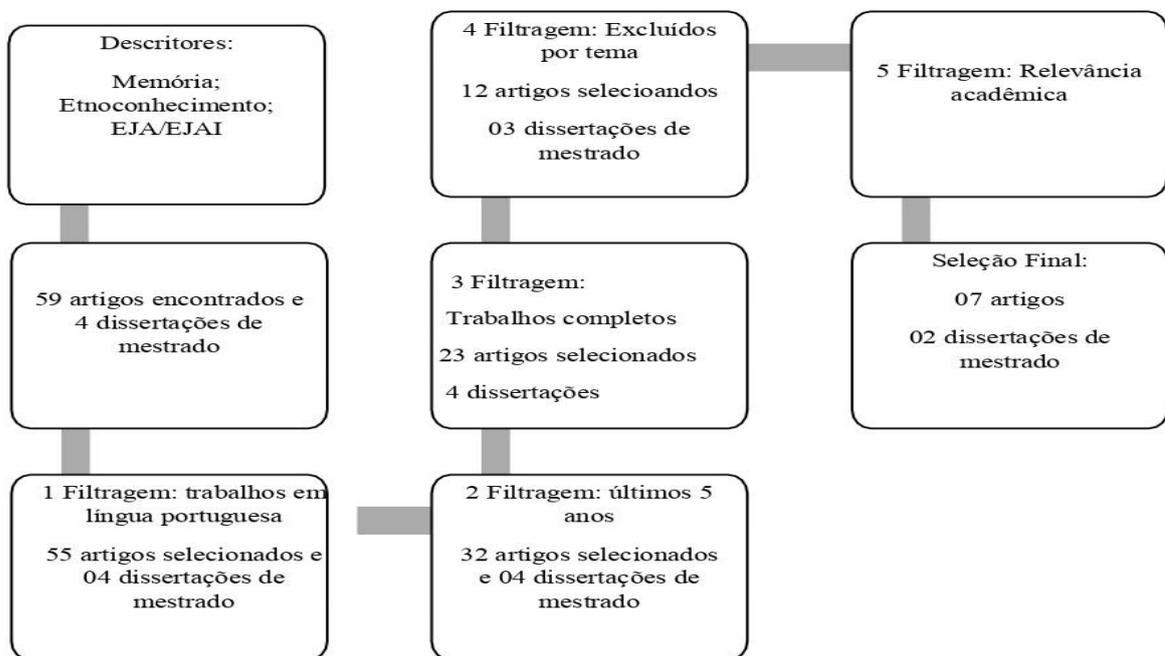
Dessa forma, após compreender o conceito de Revisão Sistemática e formular adequadamente o problema de pesquisa, seguimos a proposta de estruturação de Revisão Sistemática da Literatura apresentada por Morandi e Camargo (2015).

Quanto às bases de dados, selecionamos estudos correlatos por meio das seguintes plataformas: Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Google Acadêmico e o repositório de dissertações de mestrado da Universidade Federal do Pará, com foco específico no Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA/UFGA/CCAST).

Para a seleção e refinamento das pesquisas já publicadas, utilizamos palavras-chave durante as buscas, sendo elas: "Memória", "Etnoconhecimento" e "EJA/EJAI". Este refinamento das produções foi realizado com base nos seguintes critérios: 1) Trabalhos em língua portuguesa; 2) Trabalhos publicados nos últimos 5 (cinco) anos (2019-2023); 3) Trabalhos no formato completo; 4) Trabalhos que tratam explicitamente do tema deste estudo; 5) Trabalhos relevantes para pensar a territorialidade amazônica,

Após os métodos de seleção e exclusão das produções selecionadas, o percurso estabelecido ficou configurado conforme revela o Fluxograma 1:

Fluxograma 1 – Procedimentos utilizados para seleção dos estudos



Fonte: Os autores (2024).

Com a finalidade de responder à problemática da pesquisa, e conforme os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 6 (seis) artigos científicos completos e 3 (três) dissertações de mestrado. Após a leitura dessas produções, organizou-se para melhor visualização o Quadro 1, com título, autor, ano de publicação, local de acesso e tipo de produção, apresentados em ordem cronológica de publicação.

Quadro 1 – Produções Selecionadas

TÍTULO	AUTORIA	ANO	ACESSO	TIPO
PERMANÊNCIA NA EJA: O QUE NOS DIZEM OS JOVENS E	Francisco Josimar Ricardo Xavier e	2019	Google Acadêmico	Artigo

ADULTOS ESTUDANTES DA ZONA RURAL	Adriano Vargas Freitas			
O OFÍCIO DE BENZER COMO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	Rita de Cássia de Quadros Castro	2020	PPGEAA	Dissertação
A RELAÇÃO COM O SABER E O EMPODERAMENTO DE IDOSOS EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado e Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	2022	Scielo	Artigo
JUVENIZAÇÃO DA EJA E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	Alcides Alves de Souza Filho, Atenuza Pires Cassol e Antonio Amorim	2021	Scielo	Artigo
O SAGRADO (RE)VELADO EM NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES QUILOMBOLAS DE SANTÍSSIMA TRINDADE	Natasha Fernandes de Sousa	2022	PPGEAA	Dissertação
A EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO A PARTIR DO OLHAR DE PESSOAS IDOSAS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE	Simone Correa Ribeiro	2022	PPGEAA	Dissertação
AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE REGULAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NA EJA	Sônia Maria Alves de Oliveira Reis e Carmem lúcia Eiterer	2023	Scielo	Artigo
ETNOCONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO SOB A EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO COMPLEXO E DA TRANSDISCIPLINARIDADE.	Hugo Junior Ferreira de Sousa e Maria José de Pinho	2023	Google Acadêmico	Artigo
MEMÓRIA DE VIDA: A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DOS ESTUDANTES DA EJA	Alexandra Henriques Ferreira e Elaine Gomes Vilela	2024	Google Acadêmico	Artigo

Fonte: Os autores (2024).

A partir das pesquisas catalogadas com base na problemática de identificar e situar a temática “Memórias e Etnoconhecimento na EJA”, observa-se que os trabalhos oferecem contribuições importantes tanto para o contexto abordado quanto para as pesquisas acadêmicas de modo geral. Essas contribuições serão detalhadas na próxima seção.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No que diz respeito à memória no contexto da EJAI, observamos algumas pesquisas que abordam a temática por meio de relatos e histórias de vida. Nesse sentido, o trabalho de Ferreira e Vilela (2024) destaca a preocupação dos autores em não deixar a EJA desassistida ou esquecida, para que não caia em desuso. Para isso, os autores utilizaram uma produção narrativa autobiográfica como meio de materializar e engajar essa modalidade de ensino, promovendo sua divulgação. Neste caso, a narrativa oral é considerada indispensável por se relacionar diretamente com a memória, conforme afirmam as autoras:

Ao narrar a própria história e mesmo estar no lugar de ouvinte e leitor é um grande desafio e nos traz uma enorme reflexão sobre nossas vidas: quem sou? Faço parte de qual grupo social? Quem está ao meu redor? Como sou como professora? Por que estou na área da educação? Tenho por objetivo contar a experiência de ser ouvinte, leitora e refletir sobre a importância de, como educadoras, conhecer a história de vida dos estudantes da EJA (Ferreira; Vilela, 2024, p. 3).

A relação com a memória, segundo as autoras, permite o resgate do conhecimento prévio dos alunos. Além disso, elas acreditam que atua na promoção da empatia, no estímulo da criatividade e no desenvolvimento do pensamento crítico, resultando em maior interação em sala de aula. Podemos inferir que a troca de conhecimento por meio das histórias relatadas facilita o contato interpessoal.

Paralelamente ao trabalho mencionado, a pesquisa de Ribeiro (2022) apresenta a memória sob uma ótica diferente, a partir da experiência de solidão vivenciada por um grupo de idosos em atividades educacionais na Amazônia voltadas para a terceira idade. Ribeiro (2022) evidencia que a memória representa uma forma de libertação.

Com base nas memórias que constituem minha história é possível afirmar que libertação e aprisionamentos caminham na mesma direção, com maior ou menor grau de interpenetração. Digo isso por me perceber me libertando e ao mesmo tempo me aprisionando por dentro dos episódios que foram consubstanciando minha existência. Nesses termos, nem libertação e nem prisão são absolutas. Diria que se impulsionam mutuamente e, talvez seja o ponto de conexão entre ambas o grande desafio com o qual temos dificuldade de lidar. Já fui mais e menos liberta, da mesma maneira como já fui mais e menos prisioneira, dos meus sonhos, conquistas, medos, equívocos, das minhas

contradições e das questões histórico-políticas e socioculturais que também me afetam (Ribeiro, 2022, p. 18).

Neste caso em particular é válido ressaltar que a presença de uma pesquisa que pauta idosos e tem como fonte de busca de informações as narrativas orais, sofre algumas intercorrências por conta da fragilidade do público em questão, que, diretamente também está atrelado ao público da educação de jovens, adultos e idosos, que em muitos casos, não recordam perfeitamente do seu passado. Ademais, para o levantamento em questão notamos a memória como fonte de felicidade, de possibilidades para troca de conhecimento e como fio condutor de criação de relações próspera dentro e fora dos limites de atividades educacionais.

Não obstante, outra pesquisa que traduz essa temática relacionada a memória é o de Santos (2020) que evidencia por meio de um levantamento teórico-filosófico a relação entre o sagrado, suas amostras e as narrativas orais de pessoas de mais idade em comunidade quilombola amazônica, a construção de uma prática de perpasso de saberes, costumes, conhecimentos, para tal faz uso da memória dos comunitários em questão. Para a autora:

No lugar é que se concebem as histórias, as manifestações religiosas e as experiências de vida. É nele também que o homem estabelece seus laços familiares e de amizade. É no lugar que o homem vive e conhece o seu sagrado, é nele que as histórias de vida e da vida das pessoas são **registradas pela memória do lugar** (Santos, 2022, p. 46, grifos nossos).

Em se tratando de rememoração, como base para situar, expandir e desenvolver uma narrativa, todos os elementos que levam um sujeito à efetivação dessa memória devem ser considerados, sejam eles um livro, uma estrada, um igarapé ou qualquer outro objeto. No trabalho desenvolvido por Sousa (2022), destacamos a presença de uma árvore, o jambeiro, na comunidade pesquisada, que remete os comunitários a práticas religiosas de outrora: “Esse jambeiro remete a muitas memórias sagradas dos moradores da comunidade, principalmente das brincadeiras da infância e dos sonhos de crianças. Memórias que também se estendem aos seus belos igarapés, uma das principais fontes de lazer do lugar” (Sousa, 2022, p. 49).

Nesse sentido, em relação às pesquisas que abordam temáticas envolvendo memória, percebemos que as narrativas de memória se entrelaçam diretamente com a própria história de vida de uma comunidade, de um lugar, de um espaço ou território, que

pode incluir uma escola. Essas narrativas auxiliam na construção de relações que permitem aos sujeitos se posicionarem de maneira mais ativa e participativa em suas atividades, abandonando a posição passiva e assumindo o protagonismo. No contexto das escolas, esse protagonismo está relacionado à capacidade de discussão de determinados assuntos.

Quanto aos trabalhos sobre a temática do etnoconhecimento, alguns dados precisam ser destacados para compreendermos como este tema tem sido evidenciado nas pesquisas acadêmicas. No trabalho de dissertação de mestrado de Castro (2020), é apresentado um conhecimento popular tipicamente amazônico, que possui diversas vertentes a serem discutidas. Aqui, focamos nas propostas da autora relacionadas ao conhecimento popular através das práticas religiosas da benzeção. Ela afirma que:

Uma de minhas interlocutoras, que estou denominando aqui de Dona T., afirma que aprendeu o uso das plantas medicinais com a avó, a ponto de hoje benzer até através de roupas (informação verbal, 2018). Ela utiliza raízes, plantas, faz garrafadas, asseios, xaropes e outros produtos oriundos das plantas medicinais. É, assim, parte do ofício de benzer o conhecimento de rezas e ervas, aplicadas em chás e massagens corporais. No entanto, não é qualquer um que conhece as plantas certas para cada doença ou infortúnio, pois, dependendo da dose, a mesma planta pode ou curar, ou envenenar (Castro, 2020, p. 17).

Nesse contexto apresentado por Castro (2020), é fundamental considerar a Amazônia como o locus de produção desse conhecimento, uma vez que sua prática está também relacionada às práticas de cura realizadas por indígenas desde a época da escravidão e que permanecem muito presentes até hoje. Castro também aborda a questão da desvalorização dos saberes culturais evidenciados por meio da pesquisa etnográfica em comparação com a pesquisa científica. De maneira geral, a autora destaca a falta de credibilidade atribuída a esses saberes populares, conhecidos como etnosaberes ou etnoconhecimento. Na pesquisa, Castro (2020) propõe caminhos para a valorização desses conhecimentos e defende a interação necessária entre o saber popular e o saber científico.

É importante reforçar a necessidade de diálogos entre os conhecimentos científicos e outras formas de saber, apresentando assim um desafio entre aqueles que tem uma percepção do ambiente em que todos os objetos, materiais e sujeitos, interagem entre si e produzem assim uma materialidade religiosa. Trata-se, por conseguinte de enraizar-se e corroborar o conhecimento dessas pessoas (Castro, 2020, p. 71-72).

Outro aspecto importante a ser destacado é o repasse desses conhecimentos oriundos de práticas populares, que se dá por meio da oralidade e é transmitido de geração em geração. Nas palavras de Castro (2020, p. 35), “o ato do benzimento reforça uma prática geracional e, ao mesmo tempo, mistura conhecimentos simbólicos, valores, crenças e técnicas.” Nesse sentido, há uma ligação direta entre o etnoconhecimento e a memória popular na construção desses saberes, apontando caminhos para que esses conhecimentos permaneçam vivos.

A articulação entre os saberes a partir de uma lógica que não seja pautada apenas no conhecimento hegemônico é um trabalho político, é praticar cidadania. Procurar recuperar essa tradição terapêutica é acima de tudo resgatar as origens socioculturais, pois esta se configura como um saber criado a partir da miscigenação de diversas culturas presentes no Brasil, traduzindo assim nossa história (Castro, 2020, p. 71).

Ademais, na pesquisa desenvolvida por Sousa e Pinho (2023), temos uma visão integrativa da experiência de vida, que une conhecimentos populares e/ou tradicionais à realidade ensinada dentro da sala de aula de uma escola rural. Para os autores, esse trabalho de percepção representa a integração entre teoria e prática. O estudo explora como o etnoconhecimento pode ser analisado através da análise curricular. Os autores afirmam que:

[...] faz-se pertinente uma análise quanto ao currículo e à formação docente nessa área de atuação, mais especificamente acerca dos documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) e de outras instituições que compreendem os saberes de povos tradicionais originários do campo na formação de estudantes de instituições de ensino localizadas no espaço rural (Sousa; Pinho, 2023, p. 2).

Nesse contexto, podemos perceber, assim como nos dados apresentados na pesquisa de Castro (2020), que as temáticas publicadas sobre etnoconhecimento estão diretamente ligadas à relação entre saberes populares e o ensino em comunidades rurais, onde o conjunto de saberes e práticas essenciais se consolida com os estudantes que vivem no campo. Para os autores, “o etnoconhecimento tem sua importância na valorização dos saberes populares dos povos tradicionais, bem como na vida de uma população campesina que ultrapassa gerações” (Sousa; Pinho, 2023, p. 5).

Além disso, no trabalho científico apresentado por Machado e Laffin (2022), a EJA é evidenciada no contexto das políticas públicas e do acesso à educação como partes fundamentais de um sistema democrático, com base nos documentos oficiais que regem

tais direitos. As autoras enfatizam uma relação intrínseca entre o empoderamento emancipatório dos idosos no processo de escolarização e a realização pessoal de cada estudante da EJAI. O trabalho destaca a importância do pertencimento e dos saberes populares e de vida que cada indivíduo traz para o processo educacional, reconhecendo-o como um sujeito participativo e protagonista, por meio de suas histórias de vida e saberes. Na visão das autoras:

A aquisição do conhecimento sistematizado (da cultura dominante) potencializa as ações no/com o mundo, de modo que as pessoas idosas passam a assumir outra postura perante a vida e a sociedade, em que procuram valorizar a própria cultura, a existência de seu grupo social, como também evidenciam uma imagem positiva perante a velhice, de pessoas ativas, capazes, situadas e que desejam mais visibilidade social (Machado; Laffin, 2022, p. 15).

A busca pelo processo de escolarização na pesquisa de Machado e Laffin (2022) se distingue de outras pesquisas ao focar no interesse dos alunos da EJA/EJAI. No estudo apresentado, os estudantes estão realmente empenhados na escolarização como um processo de empoderamento emancipatório, que está diretamente relacionado à autoestima. Para as autoras:

A presença de pessoas idosas é demarcada para além da necessidade de ocupação do tempo livre (versus solidão), pois situa-se em relações de saberes com desdobramentos sociais emancipatórios, haja vista que esse núcleo traz consigo uma proposta de promover as pessoas idosas como “sujeitos em transformação e transformadores” (Machado; Laffin, 2022, p. 4).

Soma-se a essas produções o trabalho de Xavier e Freitas (2019), que reflete sobre as motivações dos alunos da EJAI rural da cidade de Sobral-CE para permanecerem no ambiente escolar, apesar das dificuldades frequentemente enfrentadas por esse público. Os autores acreditam que a EJAI deve ser vista “de diferentes maneiras e motivada pelo estranhamento” (Xavier; Freitas, 2019, p. 2), uma vez que ainda é uma temática muito estigmatizada.

Nesse sentido, a pesquisa citada corrobora que a permanência desses alunos na EJAI está fortemente ligada à grande afetividade demonstrada pela professora, que faz com que os alunos se sintam valorizados e importantes no ambiente escolar. Esse posicionamento é reforçado pelas autoras, que afirmam que:

De maneira geral, entendemos que os estudantes, independente da idade, apresentam fatores de motivação que estão ligados diretamente

com a afetividade construída no local de ensino que vêm carregadas do sentimento de pertencimento a esse espaço. Junta-se a isso o fato de também buscarem a aquisição de saberes da leitura e da matemática, quando expressam “estar” na escola por causa do “ensino” da professora (Xavier; Freitas, 2019, p.12).

Com isso, podemos fazer duas reflexões importantes que não podem deixar de ser mencionadas. A primeira é que as práticas pedagógicas dos professores em sala de aula são uma força crucial que influencia diretamente o interesse dos alunos e sua permanência nos estudos. A segunda é que, para o público da EJAI, o estudo tem uma representatividade social significativa em comparação com outras modalidades de ensino, pois proporciona uma projeção voltada para a transformação real de suas vidas no futuro.

Além disso, a pesquisa desenvolvida por Reis e Eiterer (2023) também aborda esses sujeitos como agentes de transformação emancipatória por meio da escolarização, destacando a importância das práticas educativas nesse processo. De maneira semelhante à pesquisa de Xavier e Freitas (2019), essa pesquisa evidencia que um ambiente afetivo é fundamental para os processos de aprendizagem e acolhimento. Como afirmam os autores: “O ambiente da sala de aula deve ser um lugar de ternura e acolhimento” (Reis; Eiterer, 2023, p. 4). No entanto, a falta de entusiasmo profissional, uma boa receptividade e um acolhimento caloroso pode fazer com que o público da EJAI se sinta “deixado de lado”, constrangido e “fora de rota” na escola. Para que a escola se torne um espaço de “com-vivência” e cultivo da alegria e entusiasmo para aprender junto, é essencial erradicar o medo e o sofrimento (Reis; Eiterer, 2023, p. 14).

Por fim, em relação aos demais trabalhos observados, a pesquisa produzida por Alves Filho *et al.* (2021) destaca o processo de juvenilização na EJA, abordando as causas e implicações desse fenômeno na escolarização dos estudantes na Bahia. Embora esta pesquisa seja mais abrangente, ela não difere de outros trabalhos correlatos que examinam a EJA, abordando questões como evasão escolar, falta de acesso a oportunidades e permanência na escola. A pesquisa evidencia que a evasão escolar é, em parte, impulsionada pelo acesso ao trabalho. “Somam-se, ainda, os desafios sociais desses alunos, em particular a questão do acesso ao emprego e à renda, que, muitas vezes, seduz o aluno para o mundo do trabalho, promovendo a exclusão da vida escolar” (Alves Filho, 2021, p. 723). Assim, a busca pela EJA cada vez mais cedo contribui para o processo de juvenilização dessa modalidade de ensino, o que pode causar um conflito intergeracional e de organização pedagógica dentro da sala de aula.

Finalmente, após analisar as discussões sobre memória e etnoconhecimento no público da EJAI, observamos a ausência de pesquisas focadas na Amazônia rural que considerem os saberes populares desses estudantes, especialmente dos idosos, como uma possibilidade pedagógica para facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Assim, identificamos a necessidade de aprofundamentos teóricos que interliguem essas três vertentes, relacionando-as com as vozes provenientes do campo na Amazônia, que estão repletas de memórias e conhecimentos, mas que não foram identificadas nas pesquisas investigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões produzidas neste estudo destacam, indubitavelmente, a complexidade e a riqueza da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) na Amazônia rural, ressaltando a importância de uma abordagem inclusiva e culturalmente sensível. Como se pode perceber, há uma lacuna significativa na pesquisa sobre EJAI e etnoconhecimento focada na Amazônia rural. Portanto, é necessário investigar como os saberes populares, especialmente dos idosos, podem ser integrados como ferramentas pedagógicas, valorizando as vozes e conhecimentos dessa região.

Além disso, o estudo destacou a importância da memória na EJAI, seja por meio de histórias de vida ou narrativas orais. Essa ferramenta não apenas resgata conhecimentos prévios dos alunos, mas também promove empatia, criatividade e pensamento crítico, resultando em maior interação em sala de aula. Portanto, não resta dúvida de que a memória é uma força importante para construir relações e promover a inclusão e o protagonismo dos alunos.

O estudo também indica a necessidade de valorização do etnoconhecimento, particularmente relacionado às práticas populares e religiosas na Amazônia. Essa valorização é essencial para a preservação dos saberes tradicionais, já que esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração e são fundamentais para a identidade cultural das comunidades.

Esses apontamentos sinalizam grandes desafios para a organização pedagógica e a interação em sala de aula. Políticas e práticas educacionais precisam ser elaboradas e adaptadas para lidar com essa realidade, implicando, conseqüentemente, em um maior engajamento e permanência dos alunos na EJAI. Um ambiente de sala de aula acolhedor e afetivo é essencial para criar um espaço de aprendizagem positivo e motivador,

proporcionando uma oportunidade para que esses indivíduos se vejam como agentes transformadores e ativos em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL, [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRIZOLA, J; FANTIN, N. Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **Revista de Educação do Vale do Arino**. Juara-MT, v. 01, n. 02, 2016.

CASTRO, R. C. Q. **O ofício de benzer como produção de conhecimento: etnografando práticas de benzeção do município de Tracuateua – Pa – Amazônia – Brasil**. 2020, Dissertação (Mestrado em Programa de Pós - Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA) - Universidade Federal do Pará, 2020.

FERREIRA, A. H.; VILELA, E. G. Memória de vida: a importância das memórias autobiográficas dos estudantes da EJA. **Revista Foco**, Curitiba, v. 17, n. 3, p. 01-12, 2024.

MACHADO, C. C. A. C.; LAFFIN, M. H. L. F. A relação com o saber e o empoderamento de idosos em processos de escolarização. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, 2022.

MORANDI, M. I. W. M.; CAMARGO, L. F. R. Revisão sistemática da literatura. *In.:* DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; ANTUNES JUNIOR, J. A. V. **Design science research: método e pesquisa para avanço da ciência e da tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

REIS, S. M. A. O.; EITERER, C. L. As Práticas Educativas de Regulação e Emancipação na EJA. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, 2023.

SAMPAIO, R. F. MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**. São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SOUSA, H. J. F.; PINHO, M. J. Etnoconhecimento na perspectiva da educação do campo sob a epistemologia do pensamento complexo e da transdisciplinaridade. **Congresso Nacional de Educação - Conedu**, 2023.

SOUSA, N. F. **O sagrado (re)velado em narrativas orais de mulheres quilombolas de Santíssima Trindade-Pa**. 2022, Dissertação (Mestrado em Programa de Pós - Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA) - Universidade Federal do Pará, 2022.

XAVIER, F. J. R.; FREITAS, A. V. Permanência na EJA: o que nso dizem os jovens e adultos estudantes da zona rural de Sobral. **Inter-Ação**, Goiânia, v.44, n2, p.444-458, maio/ago. 2019.